



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. IV (2003)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

A divulgação das primeiras imagens exóticas do Brasil através dos escritos de Pero de Magalhães de Gândavo

Maria Cecília Guirado 

Como Citar | How to Cite

Guirado, Maria Cecília. 2003. «A divulgação das primeiras imagens exóticas do Brasil através dos escritos de Pero de Magalhães de Gândavo». *Anais de História de Além-Mar* IV: 133-140.
<https://doi.org/10.57759/aham2003.37804>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2003. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2003. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

A DIVULGAÇÃO DAS PRIMEIRAS IMAGENS EXÓTICAS DO BRASIL ATRAVÉS DOS ESCRITOS DE PERO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO

por

MARIA CECÍLIA GUIRADO *

Na *Historia da Província de Sãcta Cruz* ¹, o propósito de Gândavo não é muito diferente do exposto no capítulo sobre o Brasil, publicado no livro de viagens *Imagens da América – Ecoturismo e aventura nos países de sangue quente* ². Os autores abrem o texto com o refrão da música de Jorge Ben Jor: «Abençoado por Deus e bonito por natureza...», que fez grande sucesso no século passado.

As belas fotos que refletem os encantos de um país ainda por explorar levam o leitor-turista ao paraíso exótico que se oculta na Chapada Diamantina, no Pantanal, na ilha de Fernando de Noronha ou em outras tantas paragens idílicas do litoral brasileiro. Aves, frutos, praias e muito sol preenchem os fotogramas de luz e cor, dispensando qualquer exagero de palavras. «(...) entre os países da América Latina, o Brasil é disparado o país mais impressionante para o turismo ecológico, de aventura e até mesmo cultural.» ³ São as palavras de Gândavo fazendo-se ecoar ao longo dos séculos. Ele já havia constatado: «Alem disto he esta Provincia sem contradição a melhor pera a vida do homem que cada huma das outras de América, por ser commumente de bons ares e fertillissima, e em gram maneira deleitosa e aprazível á vista humana.» ⁴ Ambos os textos pretendem cativar o leitor, convidando-o a ultrapassar os limites da aventura e a penetrar no universo do exótico.

* Universidade de Marília – SP (Brasil) e investigadora do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa.

¹ Pero de Magalhães de Gândavo. Título original da obra publicada em 1576, em Lisboa. Utiliza-se no presente estudo a versão *História da Província Santa Cruz*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia / Edusp, 1980, reedição do Anuario do Brasil, Rio de Janeiro, 1924.

² MARCOS MALAFAIA e Fernanda GRAELL, São Paulo, Editora Globo, 2002, pp. 112-140.

³ M. MALAFAIA e F. GRAELL, *Imagens da América*, cit., p. 112.

⁴ P. M. GÂNDAVO, *História....*, cit., p. 81.

Esse mesmo país tropical surpreendera os primeiros viajantes do Novo Mundo. A começar pelo discurso fundador de Pero Vaz de Caminha, a aventura de relatar o *novo*, fez-se presente em todos os escritos posteriores ⁵.

Mas, a grande maioria dos relatos não eram divulgados ao público. O primeiro documento impresso onde aparecem informações sobre o Brasil é o *Mundus Novus*, de Américo Vespúcio, datado de 1503 (apesar das controvérsias sobre a autenticidade do documento). Entretanto, a exploração sistemática e eficiente, com vistas à publicação, do que hoje se possa considerar registro ecológico, registro cultural e registro da alteridade, ficou ao encargo de Pero de Magalhães de Gândavo, em pleno século XVI.

Desprovido de lentes fotográficas, Gândavo recorreu ao poder da palavra para divulgar, em 1576, as primeiras imagens do Brasil. Trilhando picadas difíceis ou descendo de barca barreados regatos relatou as imagens exuberantes da fauna e da flora. Dos homens da terra, ameríndios incultos – segundo o olhar quinhentista – delatou os costumes hilariantes da vida diária e os hábitos horrendos dos rituais antropofágicos.

Gândavo escreveu com propriedade pragmática, pois viveu entre 1565 e 1570 ⁶ na capitania baiana, onde ocupava o cargo de provedor. Nascido em Braga (c. 1540), era humanista com todas as letras, além de gramático da língua portuguesa e professor de latim. Condições relevantes para desenvolver, através da percepção, uma capacidade inigualável de apreensão e tradução daquele mundo estranho que se estruturava ao seu redor. Esse é o narrador-jornalista, pois prima pela investigação e narra a partir de um conhecimento sobre a ação, da qual se apropriou para observar o *outro*. Nesse sentido, a atitude descritiva de Gândavo assemelha-se à do narrador pós-moderno: «(...) a figura do narrador passa a ser basicamente a de quem se interessa pelo outro (e não por si) e se afirma pelo olhar que lança ao seu redor, acompanhando seres, fatos e incidentes (e não por um olhar introspectivo que cata experiências vividas no passado).» ⁷

Como todo processo de criação exige habilidade, tempo e paciência para aprimoramentos necessários, Gândavo, começou por tomar notas sob o título *Tractado da Província do Brasil no qual se contem a informação das cousas que ha na terra, assi das capitancias e fazendas dos moradores que vivem pella costa, & doutras particularidades que aqui se cõtam: como tam bê da condição e bestiais custumes dos Indios da terra, & doutras estranhezas de bichos q ha nestas partes*.

Tal qual um jornalista cumprindo sua missão de redigir um livro-reportagem ou um completo guia de turismo cultural, descreve, neste primeiro

⁵ Veja-se M. C. GUIRADO, *Relatos do descobrimento do Brasil: as primeiras reportagens*, Lisboa, Editora Piaget, 2001.

⁶ P. FILHO, *Tratado da Província do Brasil*, Introdução e Notas, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1965.

⁷ S. SANTIAGO, O narrador pós-moderno, in *Nas malhas da terra*, São Paulo, Cia das Letras, 1989, p. 43.

texto, a situação das oito capitanias em destaque naquela altura: Tamaracá, Pernambuco, Baía de Todos os Santos, Ilheos, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Sam Vicente. Fala também da nação indígena dos Aymorés e do «Tractado segundo das cousas que são gerais por toda a costa do Brasil», ou seja, das sesmarias, do sistema escravocrata, das qualidades do clima, da geografia, dos curiosos mantimentos (mandioca, aypim), da caça (veados, porcos, antas, pacas e tatus), das frutas (ananás, caju, banana), dos costumes dos índios, dos bichos (cobras, tigres, mosquitos etc.) e dos novos achamentos de ouro e prata. O original apógrafo desta primeira versão do *Tractado* encontra-se no Museu Britânico (Ms. n.º 2.026).

Anos depois, ao que tudo indica, já na metrópole lisboeta, fez algumas correções no texto e mudou o título para *Tractado da Terra do Brasil, no qual se cõtem a informação das cousas que há nestas partes*. Nessa segunda versão do *Tractado*, há uma sutil ampliação do texto e ligeiras mutações quanto aos nomes dos tópicos originais. Desta segunda versão, existe cópia na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob o código 552/F. 4820.

Todavia supõe-se que o autor não tenha se esforçado pela publicação de nenhuma das duas primeiras versões da obra; por insatisfação com o próprio texto, ou por qualquer outro motivo sobre o qual não se pode arrazoar. Persistente no aperfeiçoamento de sua criação jornalístico-literária, ampliou substancialmente o texto e modificou-lhe os tópicos gerais. A esta nova versão deu o nome de *Historia da Província de Sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (cujo apógrafo conserva-se em manuscrito da Biblioteca Escorialense).

Será somente após uma quarta e definitiva redação que o autor deixa imprimir a *Historia da Província Sãcta Cruz*, em 1576, na oficina de António Gonçalves (a mesma que editou a primeira versão de *Os Lusíadas*). Pode-se dizer que a *História* publicada é a etapa final de um processo criativo, embora muitos estudiosos prefiram tratar estes textos como autônomos, sem nenhuma ligação essencial. Contudo, o conteúdo nuclear já se encontrava na primeira versão do *Tractado*.

O trabalhoso percurso, além de denotar o zelo do autor com relação a língua portuguesa, deixa evidente o cuidado com o propósito do texto: demonstrar ao povo português, através de descrições pormenorizadas, que era possível sobreviver ou até mesmo enriquecer nos trópicos. Isto posto, espreita-se, a partir daqui, fragmentos do texto que ilustram o enfoque pretendido nessa breve análise.

Paraíso caótico

Ao contrário da confortável aventura turística que pode ser explorada na Chapada dos Guimarães, no Pantanal ou em outros paraísos ecológicos ainda pulsantes no Brasil do século XXI, a *História* registra cores e sabores de um país que acabara de nascer, subjugado aos poderes da Coroa Portuguesa. Aos olhos do europeu, um país sem administração político-econô-

mica, sem códigos legais de conduta e sem religião. Como disse Gândavo: «sem Fé, nem Lei, nem Rei». Clichê reverberado até os dias de hoje, sem que lhe seja dado o devido crédito de autoria. Imagem do Brasil perpetuada a partir do preconceito quinhentista que não divisava no *outro* qualquer capacidade de organização.

A lingoa de que usam, toda pela costa, he huma: ainda que em certo vocábulos differe n'algumas partes; (...) carece de três letras, convem a saber, nam têm F, nem L, nem R, cousa digna despanto porque assi nam têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem alem disto conta, nem peso, nem medido ⁸.

Nem Gândavo, nem qualquer outro relator viajante era capaz de imaginar uma organização outra que não fosse vincada nos moldes europeus do período ⁹. Neste contexto de desorganização funda-se também a construção de mitos e lendas sobre o Brasil, a partir do olhar do estrangeiro. Não vem ao caso explorar esta questão, que aqui se coloca apenas no sentido de mapear o exótico nela engendrado. Ou ainda para sinalizar que as representações do exótico incidem sobre algum vértice ficcional que possa ser absorvido pelo desejo de consumo daquilo que é imensamente diverso do cotidiano.

Monstruosidades e extravagâncias seduziam os leitores do século XVI. Gândavo relatou, garantindo ser verdadeira, a história de um horrendo monstro marinho. Deixou-se conquistar pela crença dos índios, ou estaria ainda sugestionado pelo lendário mítico do medievo, difundido por intermédio dos Livros das Maravilhas? Veja-se a descrição *Do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente, anno 1564*:

(...) sendo já alta noite a horas em que todos começavam de se entregar ao sono, acertou de sair fora de casa huma Índia escrava do capitão; a qual lançando os olhos a huma várzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma Capitania, vio andar nella este monstro, movendo-se de huma parte para outra com passos e meneos desusados, e dando alguns urros de quando em quando tam feios (...) ¹⁰

Se Gândavo residia na capitania baiana, que dista mais de dois mil quilômetros do litoral paulista, onde fica São Vicente, e, considerando as dificuldades de locomoção por terra naquela época, teria ele viajado de navio até São Vicente, ou teria sabido do acontecimento por intermédio de capitães do mar que faziam o patrulhamento da costa? Se a segunda hipótese pudesse ser confirmada, o fato alardeado pelo olhar dos marinheiros tem grande

⁸ P. M. GÂNDAMO, *História...*, cit., pp. 123-124.

⁹ Veja-se os estudos sobre alteridade explorados por T. TODOROV, *A conquista da América: a questão do outro*, Lisboa, Litoral Edições, 1990.

¹⁰ P. M. GÂNDAMO, *História...*, cit., p. 119.

chance de ter sido ampliado em algumas características que margeiam o ilusório, tornando-o exótico por excelência.

«Se o papel de conquistador costuma ser a regra nesses livros de viagem, às vezes quebra-se tal expectativa e são as ilhas, as paisagens naturais, que parecem literalmente conquistar o seu visitante», afirma Flora Süssekind¹¹. Gândavo ficou seduzido pela paisagem e pelo bom clima.

Esta Província he á vista mui deliciosa e fresca em gram maneira: toda está vestida de mui alto e espesso arvored, regada com as águas de muitas e mui preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquella temperança da primavera que cá nos offerece Abril e Maio. E isto causa não haver lá frios, nem ruínas de inverno que offendão as suas plantas, como cá offendem às nossas. Em fim que assi se houve a Natureza com todas as cousas desta Província, e de tal maneira comedio na temperança dos ares, que nunca nella se sente frio nem quentura excessiva¹².

É provável que o autor não tenha viajado para o Sul do país, onde o inverno pode registrar, nos meses de Junho, Julho e Agosto, temperaturas abaixo de 0 grau, provocando geadas que destroem plantações inteiras e causam a morte de muitos animais. Esse quadro, nada exótico, continua desconhecido por grande parte dos europeus até os dias atuais. A imagem luxuriante de sensualidade, de calor e de belas paisagens, ainda emoldura o cartão postal do Brasil, mesmo que acompanhada da violência, gerada pelo tráfico de drogas ou pela miséria que escorre de morros e favelas.

O exótico pode jorrar da mesma fonte do mito. Do mito da riqueza fácil, da descoberta do ouro e de pedras preciosas – que percorreu quase trezentos anos de colonização portuguesa no Brasil – Gândavo também deu conta. Descreveu os grandes rios brasileiros que adentram as florestas, como o Amazonas, o Maranhão e o São Francisco,

(...) dahi por diante se não pode passar por respeito de huma cachoeira mui grande (...). Este rio procede de hum lago mui grande que está no intimo da terra, onde afirmão que há muitas povoações, cujos moradores (segundo fama) possuem grandes haveres de ouro e pedraria¹³.

Reforçando o objetivo do texto, ou seja, a publicidade da imigração, ressaltou muitas outras riquezas da terra. Pela primeira vez na literatura de viagens em terras brasileiras narrou-se, detalhadamente, sobre as fontes de alimentação da colônia. À mandioca, que tempos mais tarde seria levada pelos portugueses para a Índia e para a África, Gândavo dedicou peculiar

¹¹ F. SÜSSEKIND, *O Brasil não é longe daqui – o narrador, a viagem*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1990.

¹² P. M. GÂNDAVO, *História...*, cit., p. 82

¹³ *Idem*, p. 84.

retrato, no Capítulo V, que trata «Das plantas, mantimentos e frutas que ha nesta provincia»:

Primeiramente tratarei da planta e raiz de que os moradores fazem seus mantimentos que la comem em lugar de pão. A raiz se chama mandioca, e a planta de que se gera he de altura de hum homem pouco mais ou menos. Esta planta nam he muito grossa, e tem muitos nós: quando a querem plantar em alguma roça cortão-na e fazem-na em pedaços, os quaes metem debaixo da terra, depois de cultivada, como estacas, e dahi tornaõ arrebrantar outras plantas de novo: e cada estaca destas cria tres ou quatro raizes e dahi pera cima (segundo a virtude da terra em que se planta) as quaes põem nove ou dez meses em se criar: salvo em Sam Vicente que põem tres annos por causa da terra ser mais fria (...) ¹⁴

Quase tão eloqüente quanto a imagem que Albert Dürer fez do rinoceronte ¹⁵ – sem nunca tê-lo visto – o autor esculpiu, por analogias curiosas, a representação do bicho que se tornaria um dos símbolos do Brasil: o tatu, sem dúvida, um animal exótico:

Outros ha tambem nestas partes muito pera notar, e mais fora da commum semelhança dos outros animaes, (a meu juizo) que quantos até agora se tem visto. Chamam-lhe Tatús, e são quasi tamanhos como Leitões: tem um casco como de Cágado, o qual he repartido em muitas juntas ou lamninas, e proporcionadas de maneira, que parece totalmente um cavalo armado. Tem um rabo comprido todo coberto do mesmo casco: o focinho he como de leitão, ainda que mais delgado algum tanto, e nam bota mais fóra do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas, e crião-se em covas como coelhos. A carne destes animaes he a melhor, e mais estimada que ha nesta terra, e tem o sabor quasi como de galinha ¹⁶.

Antropofagia cultural

Como bom observador, Gândavo interessa-se, particularmente, pelas diferenças entre o índio e o europeu. Exaltando e, ao mesmo tempo, deglutindo as diferenças, também ele antropófago, aproximava o olhar de todos os fenômenos que causavam estranhamento, para bem traduzi-los:

(...) são de cor baça, e cabello corredio; tem o rosto amassado, e algumas feições delle á maneira de Chins. Pela maior parte sam bem dispostos, rijos e de bôa estatura; gente mui esforçada, e que estima pouco morrer, teme-

¹⁴ *Idem*, p. 95.

¹⁵ O rinoceronte de A. Dürer foi idealizado a partir de informações vindas de além-mar. A xilogravura, de 1515, representa um grande animal que parece vestir armaduras medievais. Teria Gândavo conhecimento desta imagem exótica? Veja-se a reprodução publicada na obra de BARRETO, L. F., e GARCIA, J. M., *Portugal na abertura do mundo*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1991.

¹⁶ P. M. GÂNDAMO, *História...*, cit., p. 104.

raria na guerra, e de muito pouco consideraçam (...). Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senam comer, beber, e matar gente, e por isso engordam muito, mas com qualquer desgosto pelo consequente tornam a emmagrecer, e muitas vezes pode delles tanto a imaginaçam que se algum deseja morrer, ou alguem lhe mete em cabeça que ha de morrer tal dia ou tal noite nam passa daquelle termo que nam morra ¹⁷.

No Manifesto Antropofágico, Oswald de Andrade já havia dito: «Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropólogo.» ¹⁸ E nada poderia causar mais estranhamento, ou cheirar a exotismo, que o próprio ritual antropofágico. Ao qual Gândavo antropólogo, dedica o Capítulo XII da *História* «Da morte que dão aos cativos e crueldade que usam com elles»:

(...) Primeiramente quando tomam algum contrario se logo naquelle fragante o nam matam levam-no a suas terras pera que mais sabor se possam todos vingar delle. (...) Ao qual em chegando recebem todos com grandes afrontas e vituperios tangendo-lhe umas frautas que costumam fazer das canas das pernas doutros contrarios semelhantes que matam da mesma maneira. E como entram na aldêa depois de assi andarem com elle triumphando de uma parte pera outra lançam-lhe ao pescoço huma corda de algodão (...). Esta corda tem duas pontas compridas per onde o atam de noite pera nam fugir. (...) ¹⁹

Também o narrador é canibal dessa realidade, pois se exclui da cena para consumi-la em múltiplos detalhes, tentando ser fiel àquilo que está a retratar. Depois de explicar todos os requintes de crueldade na preparação do ritual, explora os pormenores da matança:

(...) e tanto que o matador vê o tempo oportuno, tal pancada lhe dá na cabeça, que logo lha faz em pedaços. Está uma Índia velha preste com hum cabaço grande na mão, e como elle cae acode muito depressa e mete-lho na cabeça pêra tomar nelle os miolos e o sangue. E como desta maneira o acabam de matar fazem-no em pedaços e cada principal que ahi se acha leva seu quinhão para convidar a gente de sua aldêa. Tudo enfim assam e cozem, e nam fica delle cousa que nam comam todos quantos há na terra (...) ²⁰

Prossegue descrevendo tudo que se passa após o ritual, com grande riqueza de detalhes, concluindo que são «estes selvagens tam ásperos e cruéis, que nam se pode com palavras encarecer sua dureza» ²¹. O que não é de toda verdade, pois foi com uma sucessão espetacular de palavras que narrou, em língua portuguesa, as primeiras imagens exóticas do Brasil.

¹⁷ *Idem*, p. 122.

¹⁸ O. ANDRADE, *Revista de Antropofagia*, Ano I, n.º I, Piratininga, maio de 1928.

¹⁹ P. M. GÂNDAMO, *História...*, cit., p.136.

²⁰ *Idem*, p. 139.

²¹ *Idem*, p. 141.

Relatou Gândavo, como jornalista pós-moderno, o pormenor das coisas e das gentes do Brasil como uma tapeçaria, como uma obra de arte. E como obra aberta, se é que se pode parafrasear Umberto Eco, sujeita a interpretações poliscópicas e mutantes pela própria natureza da percepção.

Elizabeth Bishop, uma viajante-turista do século xx, observou que na paisagem brasileira reinam a profusão e a desordem. «A natureza, prenhe de vida, renova-se constantemente. (...)»²² Apesar dos 503 anos, não só a natureza é pródiga em mutações. O povo brasileiro, ainda em formação, experimenta agora um novo regime político: um operário sindicalista no poder reforça a imagem exótica de que tudo é possível nos trópicos *brasiliensis*. Mesmo que, ao olhar do estrangeiro e de alguns naturais da terra, não haja «Fé, nem Lei, nem Rei», como era, no princípio, a província de Santa Cruz.

²² R. PRZYBYCIEN, «A geografia poética brasileira de Elizabeth Bishop», In: *Quando o tio Sam pegar no tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil*, org. C. STEVENS, Brasília, Plano Editora, 2000, p. 201.